



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA
CÂMPUS JARAGUÁ DO SUL
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
CONECTANDO SABERES**

**EDUARDO DUARTE TEIXEIRA
MARCOS PAULUS
MARIA EDUARDA FELIPE DE GODOI
MARIELY EDUARDA TORINELLI
TAINARA DE SÁ
VITOR EDUARDO JASPER**

MÚSICA E IDENTIDADE SOCIAL: POSSÍVEIS RELAÇÕES

**Jaraguá do Sul
2019**

EDUARDO DUARTE TEIXEIRA
MARCOS PAULUS
MARIA EDUARDA FELIPE DE GODOI
MARIELY TORINELLI
TAINARA DE SÁ
VITOR EDUARDO JASPER

MÚSICA E IDENTIDADE SOCIAL: POSSÍVEIS RELAÇÕES

Projeto de pesquisa submetido ao Programa de Iniciação Científica Conectando Saberes, do Instituto Federal de Santa Catarina, para a obtenção do Grau de Técnico em Química.

Orientadora: Prof^ª. Natassia D'Agostin Alano.

**Jaraguá do Sul
2019**

Sumário

1 TEMA	4
2 DELIMITAÇÃO DO TEMA	4
3 PROBLEMA	4
4 HIPÓTESES	4
5 OBJETIVOS	5
5.1 OBJETIVO GERAL	5
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	5
6 JUSTIFICATIVA	5
7 CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DOS SUJEITOS E AS RELAÇÕES DA MÚSICA COM A ARTE, CULTURA POPULAR, INDÚSTRIA CULTURAL E IDENTIDADE	6
7.1 A MÚSICA E SUA RELAÇÃO COM A ARTE	6
7.2 MÚSICA E CULTURA POPULAR	9
7.3 A RELAÇÃO DA MÚSICA COM A INDÚSTRIA CULTURAL	9
7.4 REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DOS SUJEITOS	11
7.5 POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE MÚSICA E IDENTIDADE	13
8 METODOLOGIA	15
9 CRONOGRAMA	18
10 REFERÊNCIAS	19

1 TEMA

A relação entre a música e a identidade.

2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

As possíveis relações estabelecidas entre gêneros musicais e a constituição da identidade social dos discentes das primeiras fases dos cursos Técnicos Integrados em Química e em Modelagem, do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), *campus* Jaraguá do Sul - Centro.

3 PROBLEMA

Para fins desta pesquisa, buscaremos responder as seguintes questões: qual a preferência musical dos discentes das primeiras fases dos cursos técnicos em química e modelagem (2019/2) dos Cursos Técnicos Integrados em Química e em Modelagem? O processo de socialização interpessoal e constituição identitária desses sujeitos interfere em suas preferências? Considerando essa possível interferência, é possível depreender o modo como ela acontece?

4 HIPÓTESES

Os fatores que fazem com que as pessoas ouçam determinados gêneros musicais são:

- O seu contexto histórico-social;
- As influências tanto interpessoais quanto midiáticas;
- A relação entre a música e o estado de espírito ou animação no determinado momento em que ela a ouve;
- A situação que o sujeito está passando e o ambiente em que ele se encontra;
- Os grupos sociais podem interferir na preferência musical de uma pessoa, fazendo com que um sujeito desenvolva preconceito musical sobre determinado gênero.

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivo Geral

Considerando a pergunta que norteia esta pesquisa, o objetivo central deste estudo está em buscar compreender a preferência musical dos discentes das primeiras fases dos Cursos Técnicos Integrados em Química e em Modelagem, analisar se o processo de socialização e constituição identitária desses sujeitos interferem em suas preferências e delinear o modo como essa interferência pode ocorrer.

5.2 Objetivos Específicos

- Realizar uma pesquisa bibliográfica sobre o tema proposto;
- Buscar compreender o lugar que a música ocupa na vida dos sujeitos, assim como suas preferências musicais;
- Delinear como as influências externas atuam sobre o gosto musical dos discentes;
- Depreender se as ações e emoções dos indivíduos têm relação com as preferências em determinados gêneros musicais.

6 JUSTIFICATIVA

Nas palavras de Sekeff (2012, p. 21), “a música desperta muitas sensações, por meio da recepção individual, e contribui na educação dos sentimentos”, de modo que ela exerce - em nossa compreensão - grande influência nos indivíduos tanto no que diz respeito à sua formação individual quanto à coletiva.

Ela parece ser, portanto, um importante fator na construção de uma sociedade, facilitando as relações interpessoais e aparentemente sendo muito relevante na conjuntura mundial, considerando a identidade fragmentada do sujeito pós-moderno (HALL, 2006). Além disso, a música também pode influenciar na maneira como os

indivíduos se vestem e na escolha ou rejeição de determinados grupos sociais (TEKMAN; HORTAÇSU, 2002 *apud* PIMENTEL; GOUVEIA; VASCONCELOS, 2005).

Tendo presente essa breve reflexão, cabe registrar que o tema para esta pesquisa foi, inicialmente, escolhido com base em uma inquietação suscitada neste grupo de *Conectando Saberes*, a qual se versava em questionamentos sobre o papel da música na adolescência. Nossa proposta inicial era buscar compreender como a música poderia estar ligada à personalidade dos sujeitos. Posteriormente, com discussões e aprofundamentos temáticos no que diz respeito à pesquisa, nós, membros deste grupo do CS, sentimos curiosidade em saber como a música pode afetar a vida de um adolescente e ser um fator que acentua a divisão social.

Segundo Merriam (1964), uma das funções da música é a de integração dos sujeitos na sociedade, já que ela oferece um ponto de ligação em que eles, para participar de atividades de um certo grupo social, têm de cooperar e colaborar entre si. A identidade social é formada através da convivência de pessoas com interesses em comum, logo, a música pode ser considerada uma atividade que desperta esses interesses comuns. Na juventude, o interesse pela música intensifica-se, uma vez que é nessa fase que estamos mais propensos a sermos influenciados pelos outros e formamos grupos de convívio ou “tribos”, estando a música envolvida nesse processo (GIDDENS, 2005 *apud* MOURA, 2007).

Tendo em vista que a socialização é o processo pelo qual o sujeito aprende a ser um membro da sociedade, ela é também a imposição de padrões à conduta individual (BERGER, 1977). Ao entender a música como fator de socialização e construção de uma cultura popular - especificamente gerada a partir de uma (não) identificação fundamentada no gosto musical -, refletiremos sobre o lugar que ela ocupa na vida dos sujeitos participantes desta pesquisa e buscaremos compreender, na prática, como as identidades sociais são formadas.

7 CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DOS SUJEITOS E AS RELAÇÕES DA MÚSICA COM A ARTE, CULTURA POPULAR, INDÚSTRIA CULTURAL E IDENTIDADE

A fim de estabelecer uma discussão sobre a temática que envolve esta pesquisa, *a relação entre a música e a identidade*, buscaremos, na presente seção,

abordar os seguintes temas: música e arte, cultura popular, indústria cultural, constituição de identidade e também possíveis relações entre música e identidade.

A busca por discutir sobre tais questões se dá justamente por entendermos que a atividade musical pode ser compreendida sob diferentes vieses e que, necessariamente, é preciso tentar compreender o motivo e o modo sobre como isso ocorre. É importante acentuar, entretanto, que as discussões serão aprofundadas no decorrer da elaboração desta pesquisa e que nosso trabalho, até o momento, foi o de mapear estudos que possam nortear nossa pesquisa. É importante também deixar claro que o grupo compreende a palavra adolescência com o mesmo sentido de juventude.

7.1 A música e sua relação com a arte

Segundo Coli (1995), a arte não vem de uma definição lógica ou teórica do conceito, ela depende de elementos da nossa cultura como o discurso, o local, as atitudes de admiração etc. O autor discorre que, mesmo sem possuímos um significado claro e lógico do conceito, somos capazes de conceber como "arte" algumas produções da cultura em que vivemos.

A nossa atitude diante da idéia "arte" é de admiração: sabemos que Leonardo ou Dante são gênios e, de antemão, diante deles, predispondo-nos a tirar o chapéu. É possível dizer, então, que arte, são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. (COLI, 1995, p.4).

De acordo com o autor, para decidirmos o que é ou não é arte, nossa cultura possui instrumentos específicos, sendo o mais essencial deles, o discurso sobre o objeto artístico. Esse discurso é proveniente do crítico, do historiador da arte, do perito, do conservador de museu, dentre outros sujeitos que trabalham com tal atividade. São esses críticos que conferem a posição de arte a um objeto. Nossa cultura prevê os locais onde podem se manifestar formas de arte que também dão ao estatuto de arte um objeto, por exemplo: ao adentrarmos em uma galeria, sabemos que vamos encontrar obras de arte; em um cinema "de arte" encontraremos filmes que escapam do estereótipo das longas comerciais que não são voltados à arte; numa sala de concerto, música "erudita", etc.

Já Vieira (2009), acredita que a arte é uma forma e tipo de conhecimento, demonstrando o pensamento de que ela é uma estratégia evolutiva e adaptativa da

espécie, não só da espécie humana como também de toda espécie viva, como é o caso da camuflagem, adaptação ao meio de convivência com outros seres. De acordo com ele, todas as coisas vivas recorrem a algum critério da arte para poder sobreviver.

Em contrapartida, o conceito grego de arte apresentado na obra *Arte no Pensamento de Aristóteles*, de Fernando Santoro (2006, p.73-74), conceitua a arte como “uma atividade humana fundada no saber fazer. Aquele que tem uma arte detém um saber que o orienta em sua produção”.

Nas suas *Obras estéticas*, o poeta português Fernando Pessoa (1996, p. 231) discorre que

O fim da arte é imitar perfeitamente a Natureza. Este princípio elementar é justo, se não esquecermos que imitar a Natureza não quer dizer copiá-la, mas sim imitar os seus processos. Assim a obra de arte deve ter os característicos de um ser natural, de um animal; deve ser perfeita, como são, e cada vez mais o vemos quanto mais a ciência progride, os seres naturais; isto é, deve conter quanto seja preciso à expressão do que quer exprimir e mais nada, porque cada organismo considerado perfeito, deve ter todos os órgãos de que carece, e nenhum que lhe não seja útil.’

Tendo em vista essa discussão inicial, e seguindo para a discussão foco deste projeto, podemos acentuar que a música como arte não pode ser apenas caracterizada no significado literal da palavra, pois também serve como canalizador de emoções, em uma combinação de ritmos (e sons) seguidos de pausas, que, por meio da audição, desperta diversos sentimentos e sensações no cérebro humano.

Trotta (2005) discorre que a música se desenvolve de formas distintas em todos os grupos sociais, de acordo, portanto, com a sua cultura. Tal consideração, que leva em conta questões de cunho cultural, reforça nossa discussão sobre a relação estabelecida entre música e identidade.

A cultura, para García Canclini (1996, *apud* DIAS; RONSINI, 2008, p. 90), é um processo de criação de elementos como tradições, crenças, costumes, modo de falar, valores, entre outros, que são capazes de modelar o sistema social. Nas palavras do geógrafo Milton Santos (2000, s.p),

O conceito de cultura está intimamente ligado às expressões de autenticidade, da integridade e da liberdade. Ela É Uma manifestação coletiva que reúne heranças do passado, modos de ser do presente e aspirações, isto é, o delineamento do futuro desejado. Por isso mesmo, tem de ser genuína, isto é, resultar das relações profundas dos homens com o seu meio, sendo por isso o grande cimento que defende as sociedades locais, regionais e nacionais contra as ameaças de deformação ou dissolução de que podem ser vítimas.

Conforme Caetano, Missio e Deffacci (2017, p. 3), ao discorrer sobre música regional e cultural,

a dimensão cultural é parte constitutiva no processo de desenvolvimento local/regional, [sendo assim] admite-se que a manutenção e/ou fortalecimento [...] [da] identidade cultural local aparece como parte importante neste processo. Por sua vez, a música regional tem papel importante no fortalecimento da identidade cultural e no desenvolvimento local.

Levando em consideração essas questões que envolvem música, cultura e identidade, vale registrar ainda que para Castells (2000), do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída socialmente. Além disso, Felippi (2003, *apud* DIAS; RONSINI, 2008, p. 93) ressalta que as identidades atuam de forma a incluir ou excluir os sujeitos que assumem um discurso e um posicionamento. Assim, a identidade se constitui na sua relação com a diferença e no fato de que as duas têm que ser “ativamente produzidas, não são naturalmente dadas. São estabelecidas por meio de sistemas de classificação.” (FELIPPI, 2003, p. 3).

Sendo a cultura um conjunto de elementos como valores, costumes, crenças tradições etc. Podemos concluir que qualquer música pode ser considerada arte pois tem a chance de servir como um canalizador de emoções, um ponto de admiração ou até mesmo conhecimento formado através de elementos específicos da nossa cultura e de sua formação. Ela também pode influenciar na construção de identidade de um indivíduo ou de grupos sociais de formas específicas, de acordo com a sua cultura assim como a identidade do sujeito pode influenciar nos seus gostos musicais.

7.2 Música e cultura popular

A música tem uma grande participação na cultura popular, pois cada cultura é diferente e, conseqüentemente, tem uma visão variada do conceito de música. A música popular, ou "*Folk Music*", foi extremamente desvalorizada pela análise musical e também pela musicologia. Desde o surgimento de algumas disciplinas, a música começou a ser mais valorizada, como em estudos do campo da Antropologia e da Sociologia. Mas, enquanto muitos concebiam esse tipo de música como um

objeto de folclore, outros tendiam a estudos comparativos entre variados sistemas musicais pelas diferentes culturas.

Ao longo do tempo, a música serviu como meio de expressão, entretenimento e circundava as tradições religiosas, tornando-se um meio cultural na sociedade e sendo passada de geração em geração. Afinal, a musicalidade esteve e ainda está presente em variados grupos sociais, em culturas populares, e pode ser interpretada de diferentes modos, despertando sentimentos distintos.

Segundo Alberto Tsuyoshi Ikeda (2013, p.174), "a cultura tradicional e popular é o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição [...]", e estão presentes nas comunidades que mantêm as expressões modernas, abrangendo juntamente as músicas, festas, rituais e danças.

Para Lutosa da Costa (2006, apud CAETANO; MISSIO; DEFFACCI, 2017), a valorização da identidade cultural surge como uma alternativa concreta dentro do processo de desenvolvimento regional, reforçando o papel da cultura dentro dos novos modelos de desenvolvimento, sobretudo no que se refere aos territórios locais e regionais.

7.3 A relação da música com a indústria cultural

Com o propósito de estabelecer uma possível relação entre música e identidade, buscamos trazer, aqui, uma reflexão inicial sobre o lugar que a música ocupa em nossa sociedade. Para isso, julgamos importante discorrer brevemente sobre questões que envolvem a circulação, a socialização e a indústria musical.

Entendemos que a música, como uma atividade produzida pela humanidade, pode ser vista sob diferentes enfoques: como arte, manifestação cultural, expressão de sentimento, mas também como entretenimento. Sendo assim, ao estabelecermos uma relação entre música e lazer passamos por discussões que nos levam necessariamente ao campo do 'consumo'.

A música como consumo não seria mais vista como apenas uma produção artística em si, que carrega um valor cultural, mas, uma produção que carrega também um valor de mercado. Assim considerando, a arte musical pode ser vista como um ramo mercantil, feita para gerar lucro e não necessariamente para gerar apreciação.

A indústria cultural, na busca por produzir cultura e exportá-las, gera um padrão a ser seguido. Padrão esse que está em constante mudança, até mesmo nos dias atuais. Se, por exemplo, determinado gênero entrou recentemente em "moda", os novos artistas entrarão em evidência e lucrarão mais do que os músicos não estão evidenciados na grande mídia, o que nos faz perceber esse sistema como repetitivo é voltado ao lucro.

Seguindo essa lógica estabelecida pela indústria cultural, a música não foge desse contexto, adequando-se como obra de consumo, feita por estipulado gerenciamento, definido de tal forma para determinado público, podendo promover diversas formas de recepção tanto ao vivo quanto em shows, rádios, etc. De acordo com Barbosa (2016), esse *status* da música se deve ao capitalismo e suas influências baseadas na forte lei da oferta e da procura.

Com essa organização social, a música passa a ser momentânea, levando em conta somente as preferências mais recentes e, muitas vezes, trazendo algo superficial. Nesses termos, a música como produto pode perder a qualidade e empobrecer a criação "artística".

Cabe considerar, entretanto, que a indústria não representa a pura negatividade, ela contém elementos valorativos para a humanidade, considerando as novas tecnologias desenvolvidas, como a reprodução de som e imagem que enriquecem a elaboração da arte musical e cinematográfica (CAETANO; MISSIO; DEFFACCI, 2017). Além disso, ela promove a diversidade musical, maior número de artistas e até mesmo o enriquecimento do capital.

Também vale mencionar que “embora indústria cultural crie muitos produtos completamente artificiais a partir de “receitas de sucesso”, muitas vezes ela incorpora elementos de valor que pertencem a diferentes tradições ou que se desenvolveram fora da sua essência mercadológica” (CAETANO; MISSIO; DEFFACCI, 2017, p. 10).

Tais considerações nos levam a concordar com Caetano, Missio e Deffacci (2017), para os quais “o grande desafio é equilibrar [...] [a] relação entre cultura popular e indústria cultural e indicar ações que busquem valorizar, divulgar e fortalecer as identidades culturais locais/regionais, sobretudo diante da constante pujança da globalização e seu caráter homogeneizante.” (CAETANO; MISSIO; DEFFACCI, 2017, p. 10).

7.4 Reflexões sobre a constituição identitária dos sujeitos

O conceito *identidade* é, segundo Stuart Hall (2006, p. 8), “demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova”, sendo impossível – ainda segundo Hall (2006) – fazer conclusões ou julgamentos seguros sobre a proposta teórica de identidade apresentada. Para Hall (2006), a identidade está ligada à diferença, o sujeito nega o que é do outro e isso resulta na sua identidade. Em sua obra, o autor destaca três diferentes concepções de identidade ao longo da história, que ele confessa serem, “em alguma medida, simplificações”, são elas: i) a do sujeito do Iluminismo, que possuía a característica de se pôr no centro de tudo, e que era dotado de razão; ii) a do sujeito sociológico, que compreendia que o “núcleo interior” do sujeito não era autônomo, mas formado segundo outras pessoas consideradas, por esse núcleo, importantes. O autor nos conta que a concepção sociológica clássica dessa questão é que “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006, p. 11); iii) a do sujeito pós-moderno, suas características decorrem do sujeito anterior.

A concepção de sujeito sociológico fez com que ocorresse, no final do século XX, o que Hall (2006) chama de descentração do sujeito, ou seja, uma mudança estrutural na sociedade que originou a terceira concepção de identidade do sujeito pós-moderno, que não é fixa, mas pode ser “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (HALL, 1987 apud HALL, 2006, p. 13).

A descentração do sujeito fragmentou muitos cenários culturais – a exemplo dos de classe, gênero, etnia etc – pelo fato de o núcleo interior do sujeito sociológico ser formado a partir de outros sujeitos considerados, para ele, importantes. Esses cenários, até então, haviam nos fornecido localizações sólidas como sujeitos sociais, pois as sociedades costumam ser fechadas no aspecto de receber padrões alternativos. Hall (2006) tomou como exemplo dessa mudança nas bases da sociedade

a Reforma e o Protestantismo, que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da Igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o Humanismo Renascentista, que colocou o Homem no centro do universo; as revoluções científicas, que conferiram ao Homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da

Natureza; e o Iluminismo, centrado na imagem do Homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada.

Essa mudança transformou nossas identidades pessoais, dando origem a uma crise de identidade, pois o deslocamento dos indivíduos tanto do seu lugar social e cultural quanto de si próprios gera uma crise de identidade para o sujeito (MERCER, 1990, p. 43 *apud* HALL, 2006). É por essa razão que temos, muitas vezes, identidades que se contradizem.

Mesmo sendo a identidade do sujeito pós-moderno fragmentada, ela ainda pode ser dividida em setores, como a identidade pessoal, social, dentre outros. Tomaremos, para a realização desta pesquisa, o aspecto social que, de acordo com Moura (2007, p. 2),

[...] é normalmente formada a partir de grupos de convívio, através de interesses comuns, ou amizades. É provavelmente nesse nível de identidade que a música possa ter um papel fundamental, principalmente em fases como a adolescência, em que as descobertas são muitas e muito intensas, quando há uma propensão maior à influência dos outros, já que a identidade pessoal ainda não está totalmente formada. Pode-se dizer que a identidade social se trata das características que as pessoas adquirem a partir de relações sociais, no convívio com outras pessoas.

Assim, no que tange à identidade dos sujeitos, nossa pesquisa estará, a princípio, voltada para seus grupos de convívio que, segundo Barbosa, Quintaneiro e Rivero (2012, p. 81) é o

conjunto de pessoas que partilham de uma identidade comum e características sociais comuns tais como poder, prestígio, rendimentos econômicos ou crenças, distinguindo-se de outros grupos pela posição que ocupam na sociedade. Exemplo: membros de uma igreja; os ricos; os pobres.

O processo de socialização de um sujeito, de acordo com Berger (1977), depende tanto das características individuais dos adultos responsáveis por ele quanto dos agrupamentos aos quais esses adultos pertencem. Assim, os padrões sociais que atingem a criança decorrem da influência que os adultos exercem sobre ela e sua ignorância a respeito da existência de padrões alternativos.

7.5 Possíveis relações entre música e identidade

A música faz parte do cotidiano de muitas pessoas, isto é um fato inevitável. Ela se orienta a diversos aspectos que vão desde o lazer até objetivos específicos. Desses objetivos, podemos citar, por exemplo, a trilha sonora de um filme de terror. A trilha é composta justamente com a intenção de dar mais ênfase ao filme, realçando ainda mais as cenas de suspense, fazendo com que o espectador se sinta um tanto amedrontado.

Outro exemplo claro é a questão das marchas militares. Além de servirem como meio de comunicação no campo de batalha, as marchas também servem inteiramente como um elemento psicológico, animando as tropas e amedrontando os inimigos (DE CARVALHO, 201-?). Outro aspecto fundamental que as marchas trazem é o sentimento patriótico, deixando o soldado com um elevado desejo de lutar, justamente para defender sua pátria.

Nesse sentido, podemos afirmar que as músicas podem realmente suscitar diferentes emoções que envolvem o psicológico humano, o que, de certo modo, nos leva a inferir que ela pode influenciar na constituição da identidade dos sujeitos.

Um estudo elaborado por Pimentel, Gouveia e Vasconcelos (2005) pode, em certos aspectos, confirmar o que inferimos. Nele, os autores relacionaram a hipótese de a música influenciar no comportamento humano, de forma a fazer com que o ouvinte de certos gêneros musicais seja induzido, por exemplo, à prática do uso de certas drogas. Além disso, os autores verificaram nesse referido estudo que o sexo dos participantes do estudo poderia diferenciar nas questões comportamentais e nas preferências musicais. Assim, foram observadas algumas características como o fato de as mulheres apresentarem maior preferência por gêneros convencionais – que se assegura aos padrões estabelecidos por uma sociedade –, enquanto que os homens, uma maior preferência em gêneros anticonvencionais, como o *heavy metal*, *rap* e *punk*.

Segundo os autores, os indivíduos de sexo masculino obtiveram maior média em relação aos indivíduos de sexo feminino no que diz respeito aos comportamentos desviantes e antissociais. Todavia, cabe a nós enfatizar o fato de que as pessoas que já possuem essas condutas podem recorrer a músicas que dispõem letras e ritmos mais violentos, suprimindo a hipótese de que algum gênero ou estilo musical possa efetivamente causar esses tipos de atitudes no indivíduo.

Dito isso, vários pesquisadores coincidem neste mesmo fato, afirmando que a preferência pelo *heavy metal* atrai adolescentes com problemas afetivo-comportamentais, como uso de drogas; delinquência; depressão e problemas nas relações familiares, ao invés de causar esses problemas na adolescência (SCHELL; WESTEFELD, 1999 *apud* PIMENTEL; GOUVEIA; VASCONCELOS, 2005, p. 410). No entanto, ainda que com essa afirmativa dos autores, não significa especificamente que o gênero *heavy metal* atraia somente indivíduos com problemas afetivos. Os temas abordados nas letras e nas traduções de determinadas músicas podem refletir características pessoais, atitudes e traços de personalidade (PIMENTEL; DONNELLY, 2008, p.699), ou seja, podem atrair diferentes pessoas com interesses e problemas distintos.

Outro fator importante que vale ressaltar é que, segundo Tekman e Hortaçsu (2002, *apud* PIMENTEL; GOUVEIA; VASCONCELOS, 2005, p. 404),

A preferência por determinados estilos musicais é preponderante na configuração da identidade pessoal e social. [...] [O]s indivíduos utilizam a música com propósitos avaliativos no processo de identificação grupal, sugerindo a importância desse veículo de comunicação de massa em diversas situações em que o adolescente se encontra no dia-a-dia, permeando seu relacionamento interpessoal e, inclusive, influenciando a escolha do vestuário e a atração e rejeição por determinados grupos.

Dito isto, é possível concordar com o fato de que os gêneros musicais podem influenciar no modo de vestimenta do indivíduo e, conseqüentemente, o influencia na escola grupal de acordo com o gênero de seu agrado. Indivíduos tendem a se atrair por pessoas que tenham um gosto musical parecido e isso faz com que surjam diferentes grupos sociais, a fim de compartilhar semelhanças entre si. Além disso, outros fatores envolvendo a música podem influenciar na socialização dos indivíduos, como, por exemplo, a trilha sonora de algum jogo eletrônico. Geralmente, a melodia dos *videogames* atuais são bastante diversificadas e harmoniosas, fazendo com que os as pessoas se interessem pelo jogo e, automaticamente, se enturmem com outros indivíduos que possuem gostos semelhantes.

8 METODOLOGIA

A pesquisa em questão é de natureza básica, ou seja, “objetiva gerar conhecimentos novos úteis ao avanço da ciência sem aplicação prática prevista.

Envolve verdades e interesses universais,” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51). Além disso, seguiremos o método qualitativo, que

considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Compreendendo as motivações de realizar uma pesquisa desse cunho, vale acentuar que utilizaremos como procedimento, um *estudo de caso*, que, de acordo com Gil (2002, p. 54), “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]”.

Nesse sentido, para responder a questão-problema deste projeto de modo a dar conta de aprofundar questões mais complexas que envolvem a nossa temática, selecionaremos cinco participantes, discentes das primeiras fases do Curso Técnico em Química do IFSC, do campus Jaraguá do Sul - Centro, e cinco participantes, discentes do Curso Técnico em Modelagem, também do IFSC/Jaraguá do Sul-Centro, totalizando, assim, dez participantes¹.

Tomamos como campo de pesquisa o IFSC, pois o ambiente é familiar para ambas as partes, os pesquisadores e os entrevistados, de modo que possa tornar o andamento da pesquisa mais efetivo. Além disso, o grupo escolheu como participantes de pesquisa, os estudantes das primeiras fases, pelo fato de eles estarem teoricamente sofrendo maiores influências em suas personalidades e gostos, pelo simples fato de estarem em constante contato com diferentes pessoas que expressam diferentes opiniões e preferências por outros tipos de gêneros e estilos musicais.

Nossa proposta inicial, considerando uma prospecção de campo, é utilizar os seguintes instrumentos de pesquisa: entrevista individual e grupo focal. Na entrevista individual, antevemos perguntas mais pessoais, de modo que os participantes possam se sentir mais tranquilos em respondê-las. Elaboraremos

¹ A escolha por esses participantes pretende se estabelecer de modo aleatório, buscando, portanto, aqueles estudantes dispostos a contribuir com a pesquisa.

questões semiabertas e mais amplas de modo a não induzir o sujeito a determinadas respostas.

Após as entrevistas individuais, convidaremos esses mesmos estudantes entrevistados, a participarem de grupo focal que, de acordo com Kitzinger (2000 *apud* Trad, 2008, p. 780) é

uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços.

A opção em manter esses dois instrumentos se deu justamente por concebermos que no momento da interação os participantes da pesquisa podem se sentir menos introvertidos e, assim, contribuir para assentar os dados da pesquisa.

O grupo focal será semiestruturado, pois poderão suscitar questões nos pesquisadores no decorrer da discussão, a partir das respostas dos participantes do grupo focal. Além disso, durante a realização do grupo focal, levantaremos alguns tópicos e abriremos para discussão sobre a vida social dos participantes, em um contexto geral, mas buscando a relação entre música e identidade.

Somam-se a esses instrumentos mencionados, vale registrar que utilizaremos também: *notas de campo* e *gravador em áudio* na observação do encontro² do grupo focal. Tais instrumentos nos auxiliarão na interpretação dos dados, de modo a poder transcrever integralmente as falas dos participantes de pesquisa, no caso do gravador, e tomar notas sobre as reações e comentários desses mesmos participantes quando necessário.

Com a aquisição dos resultados, iremos analisar os resultados adquiridos, visando uma triangulação dos dados. Nessa análise, serão evidenciadas as descrições e opiniões dos participantes, visando responder a questão que norteia esta pesquisa. Por motivos éticos, os nomes dos participantes serão substituídos, tendo em vista guardar suas verdadeiras identidades e respeitar sua privacidade.

² O número de encontros será determinado no andamento da pesquisa, conforme o processo de geração de dados.

Após a análise, iremos elaborar uma pequena tabela com os dados obtidos no grupo focal e nas discussões entre os discentes. Nesta tabela, serão postos de forma clara e objetiva os resultados adquiridos, destacando as possíveis relações sociais e musicais.

9 CRONOGRAMA

Étapas	AGO /2019	SE T/2 019	OU T/2 019	NOV/ 2019	DEZ/ 2019	FEV/ 2020	MAR /2020	ABR/ 2020	MAI/ 2020	JUN/ 2020	JUL/ 2020
Pesquisa bibliográfica	X	X	X	X	X	X	X				
Elaboração do roteiro da entrevista	X	X	X								
Contato e agendamento das entrevistas individuais e grupo focal			X								
Realização das entrevistas individuais				X							
Elaboração do roteiro do grupo focal					X						

Realização do grupo focal						X	X				
Análise preliminar dos resultados das entrevistas							X	X			
Análise preliminar dos grupos focais								X	X		
Elaboração do relatório parcial										X	
Aprofundamento da análise de dados										X	
Elaboração do relatório final											X
Apresentação do relatório final											X

10 REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Indústria cultural e sociedade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 71 p. Disponível em: <<http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Industria-Cultural-e-Sociedade-Adorno.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; QUINTANEIRO, Tania; RIVERO, Patricia. **Conhecimento e imaginação sociologia para o ensino médio**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BARBOSA, Mariana Ribeiro Lucas. **Jusbrasil: A arte na indústria cultural**. 2016. Disponível em: <<https://marianarlbarbosa.jusbrasil.com.br/artigos/338567060/a-arte-na-industria-cultural>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

BERGER, Peter; BERGER, Brigitte. In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e Sociedade - Leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro, 1977. v. 1, p. 200-214.

CAETANO, João Evanio Borba; MISSIO, Fabrício J.; DEFFACI, Fabrício Antonio. Fronteira, Música e Identidade. **Relacult**, v. 03, p.1-25, dez. 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/322677855_Fronteira_Musica_e_Identidade_Cultural>. Acesso em: 18 maio 2019.

CASTELLS, Manuel (2000). **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4251283/mod_resource/content/0/castells_m._o_poder_da_identidade.cap_2.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2019.

COLI, Jorge. **O Que é Arte**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. 107 p. Disponível em: <<https://designdeinterioresinap.files.wordpress.com/2011/02/jorge-coli-o-que-c3a9-arte.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2019.

COSTA Jean Henrique. A atualidade da discussão sobre a indústria cultural em Theodor W. Adorno. **Revista Trans/Form/Ação**, vol.36, no.2, ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-3173201300020000>. Acesso em: 31 mai. 2019.

CROCHÍK, J. L.; CROCHÍK, N. Teoria crítica e educação inclusiva. In: InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.14, n.28, p.134-150, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.intermeio.ufms.br/revistas/28/InterMeio_v14_n28%20Jose.pdf>. Acesso em: Jun. 2019

DE CARVALHO, Vinicius Mariano. **HISTÓRIA E TRADIÇÃO DA MÚSICA MILITAR**. Universidade Federal de Juiz de Fora, 21--?.

DIAS, Valton Neto Chaves; RONSINI, Veneza Veloso Mayora. **THE USE OF THE REGIONAL MUSIC AS THE IDENTITY MEDIATOR**. 2008. 110 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

FELIPPI, Ângela. **“Reflexões a respeito da identidade cultural gaúcha em Zero Hora”**. Intercom 2003, Belo Horizonte, setembro 2003. CD-ROM.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUMMES, J. M. **Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola**. Revista da ABEM,

Porto Alegre, V. 11, 17-25, set. 2004. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/343/273>>. Acesso em: 18 mai. 2019.

IKEDA, Alberto Tsuyoshi. **Culturas populares no presente: fomento, salvaguarda e devoração.** 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v27n79/v27n79a13.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

KITZINGER, J. **Focus groups with users and providers of health care.** In: POPE, C.; MAYS, N. (Org.). *Qualitative research in health care.* 2. ed. London: BMJ Books, 2000.

MOURA, Auro Sanson. **Música e Construção de Identidade.** In: Anais ANPPOM, XVII Congresso, São Paulo, 2007.

PESSOA, Fernando. Arte no Pensamento de Aristóteles. In: (Org.). **Arte no Pensamento.** 1ed. Vitória: Museu Vale do Rio Doce, 2006, p.72-88, 2006.

PIMENTEL, Carlos Eduardo; DONNELLY, Edla Daise Oliveira Porto. **A Relação da Preferência Musical Com Os Cinco Grandes Fatores da Personalidade.** PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2008, 28(4), 696-713.

PIMENTEL, Carlos Eduardo; GOLVEIA, Valdiney Veloso; VASCONCELOS, Tatiana Cristina. **Preferência musical, atitudes e comportamentos anti-sociais entre estudantes adolescentes: um estudo correlacional.** Campinas: Estudos de Psicologia, 2005.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTORO, Fernando. Sobre a estética de Aristóteles. **Viso:** Revista eletrônica da estética, Rio de Janeiro, v. 2, p.1-13, 02 maio 2007.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música: seus usos e recursos.** São Paulo: UNESP, 2002.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis:** Revista de Saúde Coletiva, [s.l.], v. 19, n. 3, p.777-796, 2009. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312009000300013>>. Acesso em: 26 mai. 2019

TROTTA, Felipe. **“Música e mercado: a força das classificações”.** In: Revista Contemporânea. Salvador, n. 2, p. 181-196. julho/dezembro 2005. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3459/2525>>. Acesso em: 25 mai. 2019

TROTTA, Felipe. “Música popular e mercado: a força das classificações” In: **Revista Contemporanea** vol. 3 nº 2, disponível em www.contemporanea.poscom.ufba.br, Salvador: UFBA, 2005, pp. 181-195.

VIEIRA, Jorge Albuquerque. TEORIA DO CONHECIMENTO E ARTE. **Portal de Periódicos da Ufg**, São Paulo, v. 9, n. 2, p.11-24, out. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/11088/7310>. Acesso em: 26 maio 2019.

WERTHEIN, Jorge. **A sociedade da informação e seus desafios**. Scielo, Brasília, v. 29, n. 2, p.71-77, jun. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a09v29n2.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2019.